

16 AGO 1987

JORNAL DO BRASIL  
Sem Sentido *Educação*

O secretário de Educação mandou cortar o ponto dos professores da rede estadual em greve. Só o fez, porém, às vésperas dos cinqüenta dias da paralisação e depois que o governador encaminhou à Assembléia o projeto de reajustamento salarial da categoria nas bases compatíveis com a situação do Rio.

Visivelmente as autoridades chegaram ao limite da tolerância diante de um movimento que se tem caracterizado por ser contra a sociedade, pois prejudica menos o governo que os alunos, os pais e a escola. O secretário agiu a tempo de evitar que recaísse sobre o governo a culpa da omissão ou da fraqueza.

Principal interessada na solução do problema criado entre o Centro Estadual de Professores e o governo, a sociedade não aprova a radicalização de quem ainda não desceu do palanque. Lideranças sindicais que demonstram freqüentes dificuldades para a negociação apenas comprovam intolerância e despreparo.

O governo diz ter atendido todas as reivindicações apresentadas pela categoria. Os líderes da greve não negam a evidência, preferindo justificar sua posição de intransigência com o argumento de que os professores têm o direito de se garantir contra a diluição dos níveis salariais pela inflação.

Ora, serão os professores os únicos neste país a

temer esse risco? E é a greve — ilegal, porque se trata de funcionalismo público — a única maneira de discutir esse assunto? Não tem nenhum valor para os grevistas a comissão de servidores públicos que desde o começo da administração atual examina as questões de interesse da classe?

Mesmo que essas razões tivessem de ser desprezadas, por secundárias, subsistem outras que são inestimáveis. Dentre elas a mais grave, que é a situação financeira do estado. O Rio não está apto a pagar em dia sequer seus compromissos; como haveria de agir demagogicamente, ou irresponsavelmente?

Esta não é uma situação exclusiva do Rio de Janeiro. É um problema de dimensão nacional e que está na razão direta da má gestão dos negócios públicos, dos abusos e excessos praticados com os recursos dos contribuintes. Se o atual governo se nega a repetir os erros grosseiros que aqui mesmo foram cometidos, esvaziando os cofres públicos, tem todo o apoio da sociedade.

A greve dos professores tornou-se insustentável, e só subsiste na intransigência que a cerca. Já não tem a tolerância do governo e muito menos a compreensão da opinião pública, que passou a ver nela a exibição dispensável de um sectarismo antiquado, vazio de sentido.